

Dissensos sobre o ethos discursivo da Rede Sustentabilidade: a “nova política” no Facebook

Vinicius Prates

Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professor de comunicação na FIAM-FAAM, UNIP e Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Heloisa Prates Pereira

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), professora de comunicação na FIAM-FAAM e na COGEAE/PUC-SP.

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar como a Rede Sustentabilidade, movimento político capitaneado pela ex-senadora Marina Silva, buscou constituir seu ethos discursivo na plataforma digital de relacionamentos *Facebook* a partir da ideia de “nova política”. Foram analisadas 951 publicações das lideranças da Rede e de seus interatores, os “militantes” do movimento quando a Rede Sustentabilidade tentava reunir assinaturas para se constituir como partido político. A pesquisa identificou que a imagem de si construída pelos enunciados do movimento a partir de regimes de mesmidade/alteridade destoava dos sentidos elaborados pelos internautas simpatizantes. Enquanto os enunciados da Rede enfatizavam o “novo” na política como “criativo”, os interatores o tematizavam principalmente como “honesto”.

Palavras-chave: Rede Sustentabilidade; *Facebook*; *ethos* discursivo.

Abstract: This paper inquires how “Rede Sustentabilidade”, the political movement led by the former senator Marina Silva, aimed to constitute its own discursive ethos at *Facebook* from the idea of ‘new politics’. The research analyzed 951 publications posted by the “Rede” leaders and by their interactors, the movement’s ‘militants’, at the time when ‘Rede Sustentabilidade’ was trying to become an official political party by collecting supporters’ signatures. The research identified that the image of self built by the movement leaders, based on a sameness/otherness regime, clashed with the meanings elaborated by their sympathizer netizens. While ‘Rede’ enunciators emphasized the quality of ‘novelty’ in politics as “creativity”, their interactors thematized it mainly as “honesty”.

Keywords: Rede Sustentabilidade; *Facebook*; discursive ethos.

* Resultados preliminares desta pesquisa foram apresentados no II Encontro Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (EICA 2013), na Universidade Federal de Sergipe.

No início de 2013, as atenções do cenário político brasileiro voltaram-se para a criação de um movimento liderado por Marina Silva, ex-senadora pelo PT do Acre, ex-ministra do meio ambiente do governo de Luis Inácio Lula da Silva e candidata de oposição à Presidência da República pelo PV em 2010: a Rede Sustentabilidade.

Nas eleições anteriores, apesar de não ter conseguido superar a polarização entre PT e PSDB que levou ao segundo turno Dilma Rousseff e José Serra, ela havia obtido 19,6 milhões de votos, ou 19,3% do total. A votação dotou Marina Silva de um expressivo cacife político. Em 2011 a ex-senadora deixou o Partido Verde para se dedicar a um novo projeto, e em fevereiro de 2013 foi uma figura chave na criação da assim chamada Rede Sustentabilidade. A intenção era transformá-la oficialmente em um partido, para o que precisava reunir 500 mil assinaturas de apoiadores até setembro daquele ano.

Apesar do desejo de ingressar no universo eleitoral-partidário oficial, a Rede Sustentabilidade apresentava um discurso de transformação ou ruptura com as formas tradicionais de política. De acordo com uma entrevista de Marina Silva à imprensa no dia do lançamento do projeto, alguns defensores da criação da nova legenda permaneceriam nos seus partidos de origem: “Será um erro muito grande se deixarmos de nos identificar como movimento. Têm pessoas do movimento que vão continuar no PV, no PT, no PSDB (...) Vamos continuar sendo um movimento” (G1, 2013), disse a ex-senadora. Na mesma ocasião ela declarou não ser de situação nem de oposição em relação ao governo Dilma Rousseff (G1, 2013).

175

Ora, qualquer novo movimento necessita definir seu *ethos* discursivo, a fim de estabelecer um *contrato de comunicação* (PRADO, 2012) no qual estão constituídas as figuras do enunciador e do enunciatário. E este contrato, no caso da Rede Sustentabilidade, buscava canalizar a reputação de sua principal figura pública, que vinha de uma militância de décadas no ambientalismo.

A primeira etapa desta pesquisa, que busca descrever como o movimento constrói a *imagem de si* (AMOSSY, 2005), consistiu no estudo dos três elementos que formam seu emblema: os significantes verbais “Rede” e “Sustentabilidade” e a imagem da “fita de Möbius”. Em seguida, analisamos como o enunciador “Rede Sustentabilidade” e os co-enunciadores, que chamamos “militantes”, interagem na produção de sentidos na página¹ “Rede” criada no *Facebook*, plataforma digital de relacionamentos mais popular no Brasil.

A escolha deve-se ao caráter articulador da página: nela há mensagens e comentários divulgados tanto pela equipe de comunicação que representa as lideranças da Rede quanto por seus apoiadores – considerados aqui como usuários do Facebook que “curtiram” a página e divulgaram nela suas opiniões. Há também hiperlinks diversos que remetem ao *website* “Brasil em Rede” (REDE, 2013a), aglutinador de informações, esclarecimentos e arquivos para downloads, bem como aos vídeos inseridos na plataforma *YouTube* e aos álbuns de fotografias criados no *Flickr* e no *Instagram*.

O acompanhamento iniciou-se no dia de criação da página, 16 de fevereiro – mesmo dia em que a Rede Sustentabilidade foi apresentada ao público, durante o *Encontro Nacional Rede Pró Partido*, em Brasília – e estendeu-se até o último dia daquele mês, 28 de fevereiro. No período indicado, a página “Rede” obteve 9.158 “curtir” – botão que pode ser equiparado a uma sanção positiva na plataforma *Facebook*. Foram publicados 52 mensagens pelo enunciador “Rede Sustentabilidade” que geraram 899 comentários de co-enunciadores “militantes”.

1. Nomeações

O nome escolhido para o movimento, acompanhado do emblema que o identifica, indiciam o cuidado dos organizadores da Rede Sustentabilidade. A plataforma *Facebook* permite o cadastro de usuários em duas modalidades distintas: perfis, reservados a particulares (pessoas físicas), e páginas, que podem ser utilizadas por empresas, marcas, grupos e outros coletivos quaisquer.

com a construção de uma imagem inovadora, já que a tradicional nomenclatura de “partido” foi desprezada.

1.1. Rede

O significante “Rede”, escolhido como alternativa ao termo “partido”, agrega uma série de significados, aludindo a uma organização “aberta”, “não hierarquizada”. Como diz Manuel Castells:

Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos. [...] Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação e sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p. 566)

O movimento começa a construir a *imagem de si* investindo na polissemia do termo “Rede”. Ele alude, por um lado, às formas contemporâneas de interação virtual na Internet, como as *wikis* e as plataformas de relacionamento; por outro lado, a uma forma específica de organização que busca representar uma novidade em relação às tradicionais configurações piramidais dos partidos, trazendo para a política os conceitos de participação e colaboração. Os dois sentidos do termo “Rede”, um mais amplo – “sociológico” por assim dizer – e outro ligado às tecnologias de comunicação digital se reúnem no nome do movimento. Em ambas as acepções, o conceito de rede busca ressignificar as estruturas hierárquicas consolidadas na modernidade: no caso do universo comunicacional, os conglomerados midiáticos que detinham os monopólios da informação no séc. 20; no caso da política, os partidos formais organizados a partir de uma ou de poucas lideranças.

1.2. Sustentabilidade

Vários postulantes do partido, entre eles Marina Silva, construíram ao longo de seus anos de militância uma sólida reputação na temática ambiental, o que pretendiam canalizar para essa nova empreitada, justificando-se assim a evocação da “Sustentabilidade” no nome do movimento. Dentre os “sete motivos para apoiar a Rede” divulgados por meio do website “Brasil em Rede” (REDE, 2013a), e na sua página no

Facebook, o primeiro deles é a “sustentabilidade”, posição que indica sua importância na constituição do *ethos* do movimento.

No entanto, os sentidos de “sustentabilidade” são abertos. Em que pesem as tentativas de defini-la, como a já clássica do “Relatório Burdtdland”², preserve um caráter *vazio*³ que torna possível um jogo de tentativas de totalização discursiva. Como diz Latour:

A ecologia política não sabe o que é um Sistema ecológico-político e não atua segundo uma Ciência complexa cujo modelo e meios escapariam, aliás, à pobre humanidade pensante e pesquisadora. Esta é sua grande virtude. Ela *não sabe* o que faz ou não sistema. Ignora o que é ligado em conjunto ou não. (LATOURE, 2012, p. 47. Destaques do autor)

Por este caráter aberto, os ambientalismo podem ser divididos, de acordo com a literatura especializada, de maneiras bastante diferentes, que vão desde uma dicotomia entre a ecologia “profunda” e a “rasa” (*deep e shallow ecology*), clássica proposição de Arne Naess (1973); até o complexo esquema de John Drizek (DRYZEK, 2005), passando pelos modelos triádicos, preferidos por Guillaume (2002), Alier (2009) e Ferry (2009).

Os ecologismos se caracterizam por uma complexa polifonia, permanecendo o meio ambiente em crise como *ponto nodal*⁴ de um campo discursivo em conflito. Se “Rede” indicia uma organização aberta, plural, que não tem um centro específico, o significante “Sustentabilidade” homologa este caráter vazio, o que permite que ele seja preenchido por diferentes significados (LACLAU; MOUFFE, 2004).

A Rede Sustentabilidade usufrui exatamente da vacuidade destes termos. É esta característica que permite que várias correntes discursivas identifiquem suas próprias cadeias de sentido com estes significantes, criando mesmo que aparentemente um consenso em relação ao movimento.

2 De acordo com este relatório, “Desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual garantindo a capacidade de atender as gerações futuras” (COMISSÃO..., 1987). Uma segunda leitura suporia uma série de questões, como “o que é desenvolvimento, e para quem ele está destinado”, ou “o que é de fato o atendimento das necessidades atuais”, e ainda com mais dificuldade, “como podemos saber quais serão as necessidades humanas futuras?”.

3 Para Laclau e Mouffe (2004), significantes vazios são aqueles que têm seus sentidos disputados por correntes antagonistas em busca de hegemonia. Preenche-los de significado implica obter a hegemonia de determinado campo discursivo.

4 Ainda segundo Laclau e Mouffe (2004), este é o ponto de sutura de elementos dispersos em uma cadeia de significantes, na qual passam a gerar sentidos como momentos articulados de um determinado discurso.

1.3. Fita de Möbius

A representação pictórica do movimento traz a “fita de Möbius”, cujo nome se deve ao matemático alemão que estudou suas propriedades no séc. 19. Expressa em uma superfície plana, ela aparenta não ter um “lado avesso”, um contrário da face que está sendo exibida em direção ao observador. Em qualquer direção em que se acompanhe sua estrutura contínua, ela parece terminar do mesmo lado.

A escolha da fita para o emblema homologa a ideia de que o movimento é capaz de buscar uma unidade plena, sem contrários, representada graficamente por um objeto que não tem lado diferente, cujos “avessos” sempre são capazes de se mostrar unidos em um ponto em comum.

Podemos verificar assim que, programaticamente, o contrato de comunicação proposto pelo enunciador “Rede Sustentabilidade” procura se caracterizar por significantes abertos o suficiente para que as mais diferentes correntes da política tradicional, as militâncias de organizações não governamentais e agentes privados possam preenchê-los com sentidos. Assim se dá a constituição de uma lógica de equivalências, superando as diferenças internas a um sistema discursivo.

No entanto, em que pesem os esforços do enunciador “Rede Sustentabilidade” no anulamento das diferenças internas, é preciso que haja um posicionamento sobre o Outro (nem sempre consensual com o posicionamento do co-enunciador “militante”) para que essa lógica de equivalências se estabeleça. O Outro constitui uma diferença externa, é aquele que não compartilha os objetos de valor do discurso e portanto está excluído do contrato de comunicação.

2. Regimes de mesmidade/alteridade

A segunda etapa da pesquisa procurou identificar como o *ethos* do movimento se constitui pela construção do Mesmo e do Outro nos textos publicados pela Rede Sustentabilidade no Facebook e nas interações dos co-enunciadores “militantes” expressas na mesma página. De acordo com Prado:

Chamamos Outro às representações e figurativizações dos grupos sociais e suas séries de paisagens culturais e políticas frente às quais a mídia estabelece distâncias relativas, homólogas ao afastamento que seus públicos mantêm. Frente ao Outro é preciso resguardar-se, marcando-o como exótico, ocultando-o do holofote midiático ou mesmo deixando-o às margens do siste-

ma; assim, ele pode ser assimilado, admitido ou segregado; em certos casos ele é inscrito como inimigo ou excluído (PRADO, 2008, DVD).

O Mesmo, aquele que compartilha os objetos de valor de um determinado discurso, se constitui de forma relacional ao Outro, ora exilado para além de uma linha demarcatória abissal, ora admitido por meio da suavização dessas fronteiras.

2.1. A Rede na rede

Em sua página no *Facebook* (REDE, 2013b), o enunciador da conta “Rede” – pressupostamente criado pelo destinador “equipe de comunicação” da Rede Sustentabilidade – divulgava seus princípios, seus apoiadores, a agenda de eventos (como mutirões por assinaturas, visitas de Marina Silva a diferentes cidades), entre outras informações.

No período pesquisado, foi possível verificar que este enunciador enfatizou as convocações e apelos para a adesão ao projeto, o que também pode ser explicado pela contingência do calendário eleitoral: como pretendia transformar-se em partido político a tempo de concorrer às eleições de 2014, a Rede deveria ter recolhido 500 mil assinaturas de apoiadores até setembro daquele ano, objetivo que não foi alcançado.

Das 52 mensagens publicadas na página, 22 tematizavam diretamente a assinatura de fichas de cadastramento. Podem se somar a esta categoria ainda 13 publicações nas quais pessoas conhecidas pelo público por sua atuação artística, intelectual ou política eram mostradas como apoiadoras da Rede com o mesmo objetivo, de incentivar as adesões. As figuras públicas eram postas como exemplos a ser emulados pelos enunciatários. Dessa forma, com ou sem a canalização dos valores associados às celebridades para a causa, foram 35 as postagens que convocavam os apoios formais dos internautas, perfazendo 67,3% das comunicações.

Outra categoria é formada por aquelas mensagens que divulgavam eventos da Rede, alertando os usuários do *Facebook* sobre os encontros que viriam ou dando notícias sobre aqueles que já se haviam encerrado: foram encontradas seis publicações deste tipo no período analisado.

Restaram, portanto, 11 postagens nas quais o enunciador desenvolvia argumentos e narrativas que procuravam constituir uma imagem positiva de si. Lembrando que a constituição do *ethos* discursivo

passa pela criação da figura do Mesmo, e este só existe em relação ao seu oposto, o Outro, a pesquisa detectou cinco mensagens nas quais as alteridades são explicitamente nomeadas e outras seis nas quais ela não emerge à superfície textual, ficando subentendida (*cf. Tabela 1*). A relação se estabelece da seguinte forma:

a) O Mesmo: em dois casos emblemáticos sobre a constituição da imagem de si, o enunciador produziu listas de valores e competências a serem compartilhados com seu leitor pressuposto. Uma delas, sobre os “motivos para apoiar a Rede” e outra sobre suas propostas de “inovações políticas”, já prevendo a regulamentação como partido (REDE, 2013b).

Na primeira lista, os motivos, seguidos de pequenas explicações de uma linha cada, foram, pela ordem: “sustentabilidade”; “diversidade”; “visibilidade”; “prazer em fazer política”; “democracia”; “colaboração”; “causas comuns da política”. Supostamente estes motivos teriam apoio nas seguintes inovações, propostas na segunda lista: “cláusula antiesclerose”; “mais democracia”; “controle externo”; “renovação”; “movimentos sociais”; “muitos doando pouco”; “transparência”; “ouvidoria cidadã” e “cláusulas pétreas”. As explicações sobre o que o enunciador considerava “inovações” não se encontravam na publicação, o que obrigava a buscá-las no estatuto escrito em cerrada linguagem jurídica, disponível apenas na página de *downloads* do *website* da Rede.

Encontravam-se ainda como subsídio para a constituição da imagem de si na página do *Facebook* duas ilustrações contendo textos identificados pelo enunciador como “manifesto da rede”. Na primeira delas, uma imagem estilizada da fita de Möbius era acompanhada dos seguintes dizeres: “Vamos valorizar nosso sistema político, recriando-o e sintonizando-o com um projeto de desenvolvimento no qual ecologia, economia, justiça social, ética, gestão do Estado e prática política sejam compatíveis. Manifesto da #rede” (REDE, 2013b).

De acordo com o sucinto texto escrito do primeiro manifesto, publicado em 25/02/2013, o Mesmo é aquele que deve tornar compatíveis as ideias de ecologia, economia, justiça social, ética, gestão do Estado e práticas políticas, harmonizadas num projeto de desenvolvimento. Desta forma, temas usualmente tratados como excludentes são agrupados como equivalências numa cadeia de significantes. Para que estes significantes façam sentido em conjunto é preciso que eles sejam transformados de elementos dispersos em momentos do discurso (LACLAU; MOU-

FFE, 2004), o que se faz pela colocação do “futuro sustentável” (articulado pela “nova política”) no lugar de ponto nodal.

Já o texto inserido na segunda imagem (que também evoca a fita de Möbius) homologa o Mesmo como sendo um actante capaz de compor sob o “teto” do sonho uma coletividade, ao tempo em que zela por sua liberdade e acredita num futuro melhor (sustentável): “Para nós, sonho é apenas aquilo que ainda não está realizado, é o teto sob o qual se reunirão aqueles que querem fazer valer a sua vida, que acreditam na força coletiva, que não aceitam interdições à sua liberdade e ao seu direito de aspirar a um futuro melhor. Manifesto da #rede” (REDE, 2013b).

O enunciador, portanto, estabelece um mapa cognitivo no qual o ponto nodal “futuro sustentável”, que ancora as redes de equivalência simbólica, será obtido por meio de competências identificadas como “inovação” ou “criatividade” e “colaboração”. O Mesmo é, deste ponto de vista, “novo”. Ele se coloca de maneira transversal a respeito dos tradicionais temas da política formal e assim adquire o condão de reordenar uma série de demandas e conflitos.

b) O Outro: naqueles enunciados nos quais a alteridade é posta na superfície textual, a figura do Outro é mostrada como representação da “velha” política, historicamente marcada pelo conflito direta-esquerda, tematizado como caduco para as ideias de “Rede” e também de “Sustentabilidade”.

Uma citação da artista plástica Lygia Clark sobre a “fita de Möbius” foi transcrita no dia 16/02/2013, com o seguinte conteúdo: “[a fita] quebra os nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso e reverso, etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo” (CLARK apud REDE, 2013b). O enunciador se apoia na citação para estabelecer o Outro como aquele que crê em direita-esquerda (havendo aí uma polissemia entre as direções espaciais e os espectros políticos), em anverso e reverso e que, enfim, vive nos limites de um espaço difratado; a “fita de Möbius”, escolhida para o emblema do movimento, vem exatamente quebrar estas dicotomias e estabelecer uma continuidade.

Das cinco mensagens com alteridades nomeadas, em uma delas (um vídeo narrado pelo economista Eduardo Gianetti) são explicitamente citados PT e PSDB como partidos desgastados, representantes da velha política, o que poderia ser comprovado, segundo ele, pela expressiva votação de Marina Silva nas eleições de 2010.

Outra nomeação da alteridade se dá sobre “a mí-

dia”. Em um dos *posts*, do dia 18/02/2013, a mídia é criticada de forma genérica, e considerada antiadjuvante do projeto da Rede, na medida em que é acusada de “podar as afirmações de Marina” no dia do lançamento do movimento, “para passar a imagem de dubiedade e indecisão”, nos dizeres de um de seus famosos apoiadores, o especialista em segurança pública Luiz Eduardo Soares (REDE, 2013b). Ao criticar de forma genérica “a mídia”, a Rede a instaura como Outro maléfico, na medida em que a tematiza como ferramenta ou instrumento de intermediação das formas da política tradicional.

A mídia, bem como os partidos que se alinham às usuais correntes de direita e esquerda, são afastados a partir de sua tematização como manifestações do “velho”. Evidencia-se assim uma figura do Outro: não-transparente (a mídia esconde as informações); não-criativo (repetem procedimentos e fórmulas desgastadas); não-colaborativo (as estruturas partidárias e midiáticas são piramidais e enrijecidas).

2.2. A Rede para os enredados

A partir dos comentários dos co-enunciadores “militantes” (muitos dos quais se autodenominam “enredados”), foi possível identificar como estes se posicionavam e quais sentidos mobilizavam para aderir à proposta de uma “nova política”. Os dizeres de apoiadores que não pertencem às lideranças do movimento constroem também um regime de mesmidade/alteridade, mas estes não guardam necessariamente os mesmos valores dos textos postados pelo enunciador da Rede. Para identificá-los, foram analisados os 899 comentários registrados na página do Facebook.

Boa parte dos comentários dos internautas atestavam apenas concordância e apoio ao projeto, em mensagens como “Apoio a rede”, ou “Estou na rede”. Tais posts foram classificados como “fáticos”. Alguns deles acrescentam o nome da cidade ou estado dos militantes, como “Recife na rede!” ou “Apoio a criação da #rede aqui em Caxias do Sul/RS”. Foram identificadas 431 posts nesta categoria.

Houve também um volume expressivo de comentários com links para páginas regionais, álbuns de fotografias dos mutirões de coleta de assinaturas, grupos de discussão, download de materiais (“kit mobilizador”, ficha de assinaturas etc.) e outras formas de colaboração propostas pelos internautas. Essas interações, que denominamos “operacionais”, aparecem em 54 posts. Há ainda 36 comentários classificados como interações “invocativas”, nos quais os

internautas escrevem nomes de outros internautas – nesses casos, a plataforma *Facebook* cria *hiperlinks* e envia notificações aos usuários citados na mensagem, o que transforma tal prática numa forma bastante eficiente de propaganda digital que remete à tradicional prática política do “boca-a-boca”.

Embora importantes para a consolidação de um sistema de comunicação interativo, as características desses três tipos de comentários, que somam 521 posts, não permitem uma análise eficaz sobre os regimes de mesmidade/alteridade. Também é o que ocorre nas interações que divulgam websites ou produtos alheios à página, que denominamos “publicitários”; nos comentários postados pela própria Rede em resposta aos internautas (“responsivos”); e nos comentários que não eram compreensíveis ou não tinham relação com a temática proposta pela página, como “Navega Marco Navega”, “Eu quero uma pulserinha” ou “tu é bonito é!! com essa barba, então, me abana Jesus!!!”, denominados “deslocados”. A quantidade de interações desse tipo foi de, respectivamente, quatro, 12 e 25 posts. Restaram, portanto, 337 mensagens pertinentes, que tematizam o Mesmo e o Outro. A estes denominamos “argumentativos” (*cf. Tabela 1*).

180 a) O Mesmo: do ponto de vista do co-enunciador “militante”, o Mesmo foi tematizado na superfície textual em 155 comentários. A análise depreendeu destes textos que a proposta de um movimento político “novo”, como o prometido pelos enunciadores da Rede, foi plenamente aceita e assimilada. Os comentaristas da página do Facebook, no entanto, identificam o novo de maneira diferente daquela concebida pela organização do movimento. Para eles, a mudança a ser implantada na política brasileira deve ser comandada pela ex-senadora Marina Silva em nome da “ética” e da “honestidade”. Pode-se verificar nestes posts que a figura política de Marina Silva era representativa de tais valores nas publicações dos “militantes”, e os centralizava. A ela eram atribuídas as qualidades esperadas do que deveria ser o futuro partido, que deste ponto de vista se pareceria muito menos com uma formação “em rede” do que a própria Rede gostaria de admitir.

No dia 17/02/2013, um comentarista postou: “Marina será uma voz honesta no meio da multidão de vozes que mentem a cada dia. Política com visão do todo social. Parabéns pela coragem” (REDE, 2013b). Em outra publicação de 18/02/2013, lê-se o seguinte: “A Marina Silva é de uma sinceridade constrangedora!... E muito corajosa de levar seus sonhos adiante!... Avante, Marina! Que há muitos esperando para se-

guir-te. Eu sou uma delas!” (REDE, 2013b). O atributo da “coragem” é uma competência para fazer preponderar no cenário desgastado da política tradicional os valores da “ética” e da “honestidade”.

b) O Outro: para o co-enunciador “militante”, o Outro foi nomeado sem circunlóquios, como “oportunista”, “inescrupuloso”, “podre”, “cheios de vícios”, “egoísta”. Essas características apareciam encarnadas nos tradicionais partidos (principalmente os duopolistas PT e PSDB) e em políticos profissionais (notadamente o então presidente do Congresso Nacional, senador Renan Calheiros, citado em cinco oportunidades como exemplo de mau político). Os posts nos quais o Outro foi assim nomeado eram 182. Eles estabeleciam uma distância radical entre – mais uma vez – a “velha” política e o que se esperava do novo movimento. No entanto, homologavam, como vimos na construção do Mesmo, uma alteridade caracterizada pela (falta de) “honestidade”, “ética” ou “verdade”.

Como exemplos, temos uma postagem do dia 23/02/2013, que dizia: “Abaixo o narcisismo político de lideranças do PT, PSDB et cetera!”, sendo que a expressão latina usada pelo comentarista tematiza os partidos tradicionais como quadrilhas. Em outro exemplo, de 26/02/2013, é possível ler: “Marina Silva, apoio e muito suas convicções e estou contigo! Só peço encarecidamente que não aceite filiação de maus políticos, os tão falados ‘ficha suja’... Por favor!!!! Vamos ser diferentes!” (REDE, 2013b).

Os interatores estabeleciam com vigor a linha demarcatória entre o Mesmo-honesto e o Outro-desonesto, e criticavam a própria Rede se entendessem que havia qualquer possibilidade de suas lideranças a distenderem. Assim, foram encontrados posts como: “Ana Maria, se esta Rede é a da Marina, eu passo... ela mudou o disco e agora diz que não é necessário o político ter ‘ficha limpa’... Afff” (REDE, 2013b). Há outra postagem do dia 28/02/2013 com os seguintes dizeres: “Inovar sim, mas cadê a inovação do Partido. A Marina pisou na bola quando comparou a fundação do partido com o PT. Ou seja agora a política do povo, quando chegar no poder dinheiro no bolso!” (REDE, 2013b). Para finalizar, um exemplo de alteridade enfatizada com um representante de outro partido político (PSDB): “Tá começando mal!! Já já o Serra tb está na REDE!!!” (REDE, 2013b).

Desse grupo de internautas, parte afirmava seu apoio à rede (72 posts) e parte dizia aguardar os caminhos do movimento para só então sancioná-lo positiva ou negativamente (110 posts). Estes últimos expressavam a radical expectativa de manutenção da

Rede Sustentabilidade				Militantes			
Argumentativos	11	Imagem de Si	5	Argumentativos	337	Imagem de Si	155
		Imagem do Outro	6			Imagem do Outro	182
Convocatórios	35			Fáticos	431		
Operacionais	6			Operacionais	54		
				Invocativos	36		
				Publicitários	4		
				Responsivos	12		
				Deslocados	25		

Tabela 1: Publicações do enunciador 'Rede' e do co-enunciador 'militante' por tipo

linha abissal da alteridade. Ou seja, se o movimento tendesse a se aproximar de partidos e políticos já conhecidos, seria abandonado; do contrário receberia apoio.

Pode-se verificar esta posição no seguinte exemplo, de 17/02/2013: “Se esses princípios forem mantidos ao longo do tempo com ética, será um grande partido. Estarei atenta e sou fã da fundadora...” (REDE, 2013b). Ou então: “Tenho ressalvas quanto ao apoio de alguns políticos de outros ideais partidários, penso que muitos só estão fazendo um jogo de interesses” (REDE, 2013b). Há ainda um comentário de 21/02/2013: “Só deve haver um grande cuidado, tem muita traíra por aí querendo entrar nesta rede, então, cuidado no momento do cadastro, pois nem todo peixe será um belo surubim” (REDE, 2013b). Nesta última postagem o enunciador faz um jogo de linguagem entre o peixe chamado traíra e a gíria que indica um traidor, aludindo ao mesmo tempo à Rede, às traições políticas e à ecologia.

3. Considerações finais

Vimos na análise como o enunciador da Rede Sustentabilidade buscou, desde a escolha de seu emblema, construir para si a imagem de um movimento aberto, cujos princípios são compossíveis com discursos de uma série de atores sociais de diferentes vertentes (por meio dos significantes que formam o seu nome e da “fita de Möbius”).

Em suas postagens no *Facebook*, o enunciador procurou homologar esta ideia ao dotar-se das competências de “inovação” ou “criatividade”, “colabo-

ração” e “transparência”. Estas virtudes levarão, por fim, a um “futuro sustentável”, ponto nodal que articula as cadeias de significações de seu discurso. Para o enunciador da Rede esta é a “nova política”, que delimitará a especificidade do Mesmo.

Notamos que para estabelecer seu ethos discursivo, o enunciador Rede não usa o significante “honestidade” e seus correlatos na superfície textual, como virão a fazer os co-enunciadores “militantes”. Ao nomear o Outro, a Rede não investe em desqualificações éticas, o que, pelo menos em princípio, homologa a imagem de si como permeável e aberta a colaborações e composições – inclusive com os quadros provenientes da política tradicional, desde que estes se mostrem dispostos a abandonar aquilo que a Rede denuncia como sectarismos.

Os “militantes” do movimento respondem ao chamamento para a construção de uma nova política, porém com um dissenso: enfatizam a linha demarcatória entre o Mesmo e o Outro, que deveria separar o movimento de práticas e personagens desgastados. Eles apontam como objetos de valor – não a sustentabilidade – mas a honestidade e a ética, e como competências – não a criatividade e a colaboração – e sim a coragem.

Referências bibliográficas

- ALIER, J. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. São Paulo: Contexto, 2009.
 AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
 CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLARK, L. apud **REDE Sustentabilidade**. Página Rede. In: Facebook (website). Menlo Park (EUA), 2013. Disponível em <<http://www.facebook.com/BrasilEmRede>>. Acesso em 15/03/2013.

COMISSÃO Mundial sobre meio ambiente e desenvolvimento da Organização das Nações Unidas. *Nosso Futuro Comum*, Nova Iorque, 1987. Disponível em <<http://www.un-documents.net/wced-ofc.htm>>. Acesso em 15/02/2001.

DRYZEK, J. *The Politics of the Earth: environmental discourses*. Nova Iorque: Oxford, 2005.

FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

G1. Novo partido de Marina Silva vai se chamar Rede Sustentabilidade. Rio de Janeiro: Globo, 16 de fev. 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/02/novo-partido-de-marina-silva-vai-se-chamar-rede-sustentabilidade.html>>. Pesquisa realizada em 15/03/2013.

GUILHAUME, M. *Virus Vert*. Paris: Decartes & Cie, 2002.

LACLAU, E; MOUFFE, C. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Buenos Aires: FCE, 2004.

LATOURETTE, B. *Reagregando o social: uma introdução à teoria ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; São Paulo: EDUSC, 2012.

NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement. A summary. In: *Inquiry*, vol. 16, pgs. 95-100, 1973. Disponível em <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00201747308601682>>. Acesso em 10/12/2012.

PRADO, J. L. A. *A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal* (DVD). São Paulo: PUC, 2008.

_____. Regimes de visibilidade em revistas: análise multifocal dos contratos de comunicação (DVD). São Paulo: PUC, 2012.

REDE Sustentabilidade. Brasil em Rede (website). Brasília, 2013. Disponível em <<http://www.brasilemrede.com.br>>. Acesso em 15/03/2013 (a).

_____. Página Rede. In: Facebook (website). Menlo Park (EUA), 2013. Disponível em <<http://www.facebook.com/BrasilEmRede>>. Acesso em 15/03/2013 (b).

[Artigo recebido em 29 de dezembro de 2014 e aprovado em 27 de janeiro de 2015.]